

Profusão de cores

De acordo com as explicações de Leonardo Ferreira, professor do Instituto de Física da UnB, Kézia tem razão. A poeira em suspensão na época da seca provoca uma profusão de cores no pôr-do-sol. O céu, que é azul pela combinação dos principais gases que compõem a atmosfera – nitrogênio, oxigênio e ozônio –, assume cores diversas quando a luz inclinada do Sol no poente bate nas partículas de poeira, refletindo o amarelo, o laranja, o vermelho e até mesmo o violeta.

A umidade baixa de Brasília também privilegia a visão celeste, pois existem menos nuvens e permitem maior visibilidade do horizonte, segundo Leonardo. A distância do mar contribui para a beleza celeste. Para os que pensam que para se tornar uma cidade ideal, Brasília precisaria de praia, é bom saber que se a cidade fosse próxima do oceano, a visão celeste não seria tão bela. "Quanto mais perto do mar, maiores são as variações na atmosfera", explica o professor. A possibilidade de chuva ou acumulação de nuvens acaba sendo maior.

POLUIÇÃO – À noite, os observadores da abóbada não têm vez na cidade. Depois de um deslumbrante pôr-do-sol, os brasilienses perdem a beleza do céu quando se acendem as primeiluzes. A luminosidade de prédios e edifícios pode parecer inofensiva, mas cria poluição luminosa e impede a observação de astros. "Daqui a poucos anos, as reservas se tornarão santuários do céu escuro", diz o físico. O Clube de Astronomia da cidade, por exemplo, organiza saídas frequentes para ecorrefúgios.

Durante o dia, a falta de poluição industrial do DF já foi apontada como um dos motivos que tornam o céu daqui tão belo, mas, aos 44 anos, a cidade já tem fumaça suficiente na atmosfera para pôr em risco a visão celeste. A maior parte da poluição é provocada pelos veículos. Ainda assim, Brasília está longe de ter um céu com camada cinza-marrom, como se verifica em grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio.